



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

**DOCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE:
DO DIREITO À EDUCAÇÃO À IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DOS DOCENTES¹**

**TEACHING IN CONTEMPORARY WORLD:
FROM THE RIGHT TO EDUCATION TO THE IMPORTANCE OF SCHOOL AND TEACHERS**

Gabriela Antes Kuhn²

¹ Texto produzido a partir da disciplina de Docência na Educação Superior do curso de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - PPGECC Unijuí.

² Estudante do curso de Pós-graduação/Doutorado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - PPGECC Unijuí.

RESUMO

Este texto é resultado das discussões e leituras da disciplina de Docência no Ensino Superior do curso de pós-graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Os seus principais objetivos são explorar o conceito de docente, abordar a temática da responsabilidade pela educação e o papel do ensino no cenário contemporâneo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de uma pesquisa bibliográfica e de um estudo de abordagem hermenêutica. Utiliza-se também da análise de elementos audiovisuais, buscando estabelecer diálogos entre os autores e os conteúdos de um vídeo musical. Traz para a discussão temas importantes no cenário educacional como a necessidade da educação institucionalizada, os direitos da criança, o papel da família, o *homeschooling*, o viés mercadológico do ensino e as tecnologias de inteligência artificial no atual cenário.

Palavras-chave: Instituições de ensino. Professor. *Homeschooling*. Vídeo musical. Plataformas *online*.

ABSTRACT

This text results from the discussions and readings of the discipline of Teaching in Higher Education of the graduate course in Science Education at Unijuí. Its main objectives are to explore the concept of teacher, to approach the theme of responsibility for education and the role of teaching in the contemporary scenario. This is a qualitative research, a bibliographical survey, and a study with a hermeneutic approach. It also includes the analysis of audiovisual elements, seeking to establish dialogues between the authors and the contents of a music video. It brings to the discussion important issues in the educational scenario, such as the need for institutionalized education, children's rights, the role of the family, homeschooling, the marketing bias of education, and artificial intelligence technologies in the current scenario.

Keywords: Educational institutions. Teacher. Homeschooling. Music video. Online platforms.

INTRODUÇÃO



Este texto é resultado da sistematização de conteúdos desenvolvidos na disciplina de Docência na Educação Superior do curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí. Tem como objetivos retomar alguns dos principais conceitos trabalhados, revisar percepções construídas a partir das discussões estabelecidas nas aulas e das referências consultadas, explorar o conceito de docente, bem como abordar a temática da responsabilidade pela educação e do papel do ensino no cenário contemporâneo.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que visa interpretar valores, significados, projeções e crenças (MINAYO, 1996). É também um estudo teórico e de uma pesquisa bibliográfica de abordagem hermenêutica. Utiliza-se também de elementos audiovisuais para ampliar e contextualizar suas discussões, buscando estabelecer diálogos entre os autores e os conteúdos de um vídeo musical disponível na plataforma do *YouTube* no canal da gravadora *Nuclear Blast* e um *docudrama* da *Netflix*.

O corpo deste texto está dividido em três partes. A primeira explora o conceito de docência e *práxis*, apontando suas limitações interpretativas e a necessidade de revisão de seus processos. Num segundo momento, explora os elementos do vídeo musical *I Have a Right*, no intuito de ampliar a discussão sobre o direito à educação, o papel da família no processo educativo, as diferenças entre as gerações neste processo e o *homeschooling*. A terceira parte aborda a relevância dos conteúdos ensinados na escola, a “invasão do mercado de consumo”¹ nessa seleção de conteúdos, bem como o uso (e possível dependência) das tecnologias de inteligência artificial.

DOCÊNCIA, PRÁXIS E EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Introdutoriamente, é possível considerar que docência é uma palavra-chave importantíssima na pesquisa em educação, visto que está intimamente relacionada ao desdobramento de todos os processos educacionais. Docente, segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa, deriva do latim *docens – entis*, particípio presente de *docēre* (ensinar), e diz respeito àquele que ensina, ao professor, ao sujeito responsável pelo

¹ Grifo da autora.



ensino (CUNHA, 2010, p. 226), enquanto docência se refere à ação de ensinar (do latim *īnsīgnāre*), que é definida como o ato de “transmitir conhecimento” (CUNHA, 2010, p. 248).

Partindo para as sugestões de um dicionário analógico, as principais palavras relacionadas à docência se dividem em dois grupos. No primeiro grupo se encontram as que dizem respeito ao profissional responsável pelo processo de ensino, como mestre, professor, ensinador, instrutor, treinador, mentor, lecionador, adestrador, amansador, domador, repetidor, formador, doutrinero, preparador, açacalador² de inteligências. No segundo, estão as que se referem ao espaço no qual ocorre a ação da docência, como escola, ginásio, colégio, faculdade, curso, liceu, seminário, internato, conservatório, *alma mater*³, entre outros (AZEVEDO, 2016).

É possível, a partir dessas definições e relações, pensar que a palavra docência ainda está muito vinculada à sua bagagem histórica fortemente atrelada à educação moderna, na qual a figura do professor é entendida como “aquele que detém conhecimento”, que “dá a lição”, e que “deposita conteúdos” na cabeça do aluno, como se este fosse um mero receptáculo. Nesta perspectiva, o professor pode ser compreendido também como um “polidor de inteligências”, um modelo de rigidez e disciplina, bem como uma figura que pode causar medo e repulsa nos alunos. Neste instante, faz-se importante pensar criticamente a fim de superar a ideia da possibilidade de reprodução de uma compreensão que é própria do professor na cabeça do aluno, visto que seu processo de aprendizagem depende fundamentalmente dele mesmo (BOUFLEUER, 2020), de suas interpretações, daquilo que “o incomodou”, que lhe despertou o interesse, que modificou ou ampliou suas percepções, permitindo, assim, uma construção própria.

Outrossim, é perceptível, a partir da pesquisa etimológica e analógica, a ligação histórica entre a ação docente e instituições de ensino com características bem definidas e semelhantes (fechadas, segmentadoras ou cartesianas), nas quais há uma “ordem comum” ou um “sistema disciplinar comum”, eventualmente associados a alguma forma de organização religiosa. Verifica-se, neste contexto, o tipo de formação moderno, o qual assumiu um caráter separatista entre sujeito cognoscente, objeto estudado e docente-autoridade gerou uma forma de “educação monológica, verticalizada e autoritária”, a qual supervalorizou as capacidades

² Derivado de açacalado: Polidor, aperfeiçoador (AÇACALADOR...,2020).

³ Frase em latim utilizada por estudantes os quais frequentaram determinada instituição de ensino, traduzida como “a mãe que alimenta” ou “a mãe que nutre” (AYTO, 2005).



intelectuais e de dominação do homem, desconsiderando seus aspectos histórico-culturais, e assumiu um caráter técnico-cientificista dominante (MARTINAZZO, 2017, p.14).

A *práxis*⁴ pedagógica moderna, baseada no humanismo, dava-se pela transmissão de um conhecimento pronto e concreto, certificado por métodos quantificáveis, daqueles que desse conhecimento se apoderavam para aqueles submetidos ao processo de capturá-lo, como uma necessidade de apropriação, muitas vezes chamada, na linguagem coloquial, de “decoreba”. Este caráter técnico-instrumental adotado no período moderno, o qual desconsiderou a complexidade do processo educacional, ainda é muito visível nas práticas educacionais atuais e nas orientações dos livros didáticos. É fácil de encontrar, principalmente em cursos de línguas, o “livro do professor” e o “livro do aluno”, cada qual com orientações precisas sobre como devem ocorrer as aulas: o professor “dá a lição” exatamente como o livro explica, preferencialmente com os conteúdos passados na mesma ordem do guia, e tem todas as respostas das questões, fechadas e inquestionáveis, para posteriormente tomá-las do aluno e corrigir seus erros; o aluno tem livros com espaços específicos de tamanhos de resposta, porque não há outra resposta possível, e segue as lições do livro na ordem dada, e o material didático da aula se resume a isso.

As reflexões acerca dessa situação apontam para a necessidade de repensar a educação a partir de novos paradigmas e, ao mesmo tempo, de incorporar a tradição histórica sem “jogar a criança fora junto com a água do banho”, como foi comentado repetidas vezes em aula. Em outras palavras, não é possível simplesmente reiniciar o processo educacional do zero e desconsiderar toda a contribuição que a modernidade trouxe para a constituição do conhecimento. Faz-se necessário, portanto, reconstruir a ideia de conhecimento sem renunciar à construção moderna, isto é, não descartar a bagagem de conhecimento científico construída ao longo do tempo e modificar a (comumente impregnada) visão do conhecimento enquanto “relação entre sujeitos individuais e objetos, percebendo-o agora na relação entre atores sociais e seus proferimentos, à busca de se entenderem”, utilizando-se de um sistema aberto “às questões da reconstrução hermenêutica dos saberes, manifestando-se a razão na multiplicidade de suas vozes” ou de uma razão comunicativa (STEIN, 1991, p.68).

⁴ Do grego *prâksis*, a utilização de uma teoria de forma prática ou a união dialética entre teoria e prática (PRÁXIS..., 2020).



A educação está intimamente relacionada à sociedade e aos seus movimentos (MARQUES, 1992) diferindo-se em diferentes “territórios” e contextos (STRECK, 2012, p. 360). A educação e os sistemas educacionais são de fundamental importância para a humanidade e para a constituição das sociedades. Por meio dela, “a comunidade humana conserva e transmite sua peculiaridade física e espiritual” (JAEGER, 2013, p.1).

O mundo humano é um mundo compartilhado e histórico-cultural, um mundo em constante movimento e constante mudança, um mundo que só é possível de se conhecer por meio da linguagem. Quando se pensa na tarefa de educar, torna-se importante entender a necessidade de situar o educando nesse mundo, considerando a condição aberta de constantes aprendentes na qual todos humanos se encontram (BOUFLEUER, 2020), bem como este movimento de reconstrução do conhecimento (ou de repensar o pensamento, de repensar o ensino como reforma do pensamento, de uma “reforma não programática, mas paradigmática”, como diria Morin) (MORIN, 2000).

Diferentes gerações e diferentes formas de pensar compõem o cenário educacional, e a tarefa de educar é também uma tarefa que inclui a família, especialmente os pais. Ocorre que, muitas vezes, os pais esperam que seus filhos compartilhem de suas próprias opiniões e tentam “podar” as individualidades dos filhos. O problema é que, ao passo que os pais (e também alguns professores) desejam que seus filhos (e alunos) tenham comportamentos e modos de pensar semelhantes aos seus, também depositam nas crianças a esperança em um mundo melhor, eles esperam que estas novas gerações encontrem a resolução para os grandes problemas e crises que assolam a humanidade há séculos, bem como que desenvolvam as mais avançadas tecnologias.

Este posicionamento parece, no mínimo, contraditório e questionável, visto que a repetição de um comportamento e de um modo específico de pensar é justamente o que não se espera de alguém encarregado de mudar o mundo. O que se espera, neste caso, é justamente o oposto: a liberdade para um pensar e um fazer diferente e novo. Para além do espaço acadêmico, esta questão da liberdade de pensamento e da responsabilidade dos pais com a educação dos filhos vem também sendo discutida na música há algum tempo.

I HAVE A RIGHT - O DIREITO À EDUCAÇÃO, O PAPEL DA FAMÍLIA, O HOMESCHOOLING E A IMPORTÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ESCOLA



Em maio de 2012, a banda finlandesa *Sonata Arctica*, conhecida pelo seu jeito único de produzir conteúdo no cenário do metal/power metal internacional, lançou o *single I Have a Right*, no qual o vocalista Tonny Kakko, inspirado pela sua experiência como pai e responsável pela educação de seus filhos, transforma em canção sua posição de defesa aos direitos de educação e cuidado das crianças. No vídeo, as imagens, ilustradas por um menino, denunciam um comportamento violento e de abandono dos pais para com o filho, bem como as suas esperanças de mudança, enquanto a letra defende seus direitos como criança.

O menino é ilustrado em situações de invisibilidade e precariedade, em que é agredido verbalmente pelo pai adúltero e alcoolista. É também “enjaulado”, como numa representação de prisão, quase como um animal, e busca comida em uma lata de lixo, sendo exposto à crueldade das ruas e à exploração do trabalho infantil desde pequeno. Os desenhos também representam o sentimento de esperança na mudança, ilustrando o desejo de menino da presença de um pai carinhoso e de amigos que o ajudem a sair da jaula. Estas imagens aparecem estrategicamente de forma intercalada com o cenário triste.

A canção aborda metaforicamente a diferença de criação e comportamento entre as gerações, bem como a possível fragilidade da criança e a posição de abandono da família, como um alerta para os pais. Para tanto, compara a criança com “uma pequena flor, linda e diferente, e totalmente só”, como também critica a repetição do comportamento entre as gerações, a expectativa dos pais de que os filhos sejam iguais a eles e que, ao mesmo tempo, transformem o mundo, o que fica claro no momento em que a criança questiona: “... pai, eu não deveria criar um mundo novo? e ser como você? Eu sou você?”. Este comportamento de repetição é justamente uma das discussões das aulas de docência, um problema a ser superado por meio de um ensino no qual o aluno/filho é ativo, capaz de julgamento próprio e crítico. Segundo Boufleuer (2020),

(...) Se o nosso aprendizado fosse idêntico ao daqueles com quem aprendemos não conheceríamos a mudança e o progresso. Por isso, para fazer jus a nossa condição, importa aprender com quem nos precedeu, mas de modo sempre novo, reformulado, ajustado às condições também novas em meio às quais emergimos no mundo. Assim, graças à competência pedagógica constituímos um mundo humano baseado em padrões culturais e sociais que, por sua vez, implicam determinados modos de agir, de se relacionar e de se expressar. Padrões esses que se modificam ao longo dos tempos por conta da capacidade recriadora presente no modo humano de aprender.



A música segue revelando as frustrações e reivindicações da criança. Assim como na proposta da canção, foi salientada, na disciplina de docência, a ideia de que “a educação é uma dimensão fundamental da vida” (BOUFLEUER, 2020), e que, portanto, deve ser um direito de todos. É enfatizada na letra essa especial preocupação com a educação, bem como com o respeito, com a liberdade de expressão e com a diferença, a qual se expressa por meio do trecho traduzido que segue:

(...) Eu tenho direito de ser ouvido, de ser visto, de ser amado, de ser livre, de ser tudo que eu preciso, de ser eu. De estar seguro, de acreditar em algo. Eu tenho o direito especial de crescer e me desenvolver física e espiritualmente saudável, de forma normal, livre e com dignidade. Eu tenho o direito de amar e compreender. Meus pais têm responsabilidades especiais com a minha educação e orientação. Eu devia ser ensinado paz, compreensão, tolerância e amizade entre todas as pessoas. Então, me dê o dom de ouvir, de ver, de amar, a liberdade de escolher as coisas que eu sinto, para ser bom para o mundo que você vai me deixar (...)

I have a Right se tornou um dos *hits* mais famosos do *Sonata Arctica*, tendo excelente repercussão em seu país (é importante destacar aqui que a Finlândia é considerada uma grande referência mundial em educação) e também fora dele. O número de covers de bandas menores que se interessam por esse tipo de crítica e prestam homenagem ao *single* é enorme e, entre um dos mais famosos, está o da banda de *gothic metal* mexicana *Stream of passion*, que, com um vocal lírico feminino e um instrumental progressivo, atribuiu à canção contornos mais pesados e sinfônicos.

Retomando a temática da responsabilidade das famílias pela educação dos filhos, chega-se à problemática da necessidade das instituições de ensino, dos professores e dos colegas para o processo de ensino-aprendizagem. Surge, neste momento, uma questão crucial para a manutenção das instituições e da profissão de professor: se o acesso aos materiais didáticos é facilitado por meio das tecnologias, se existem tantas plataformas *online* que disponibilizam conteúdos infinitos sobre as mais diversas ciências, livre acesso a artigos e à informação necessária para se estar/manter “atualizado e contextualizado”⁵ no mundo, se os

⁵ Grifo da autora.



pais podem se responsabilizar pela educação dos filhos por meio da prática do *homeschooling*⁶, qual é a real necessidade das escolas e dos professores?

Primeiramente, é importante pensar nos espaços educacionais como espaços de interação social, considerando que os humanos se constituem como humanos na relação com os seus pares por meio da linguagem, que é o que fundamentalmente os difere das outras espécies animais (BOUFLEUER, 2020). É difícil dizer que alguém frequenta a escola ou a universidade somente para estudar conteúdos disciplinares, há muito mais que isso nesses espaços: a interação com outras pessoas, a socialização, o compartilhamento e as discussões possíveis em grupo são experiências únicas e importantíssimas para o processo de formação.

A experiência de estar entre colegas e as possibilidades de amizade e crescimento neste contexto são acolhedoras e únicas, especialmente para as crianças, e esta sensação é uma das mensagens do vídeo de *I have a Right*, expressa no momento em que o menino se encontra enturmado e feliz, possivelmente aprendendo junto de seus amigos. Segundo Habermas (1990, p. 102), “processos de formação e de socialização são processos de aprendizagem que dependem de pessoas”. Portanto, conviver com outros e expor-se aos outros não são tarefas fáceis, mas imprescindíveis para o saber-viver em sociedade, e essas experiências são determinantes para a formação do caráter pessoal e do respeito à diversidade.

A segunda perspectiva de resposta é em relação à relevância dos conteúdos. Qual o critério de seleção de conteúdos que será adotado por quem educa? Se a tarefa já não é fácil para os professores, os quais trabalham com planos de ensino e recebem orientações específicas das instituições nas quais trabalham, tampouco seria para os pais e responsáveis. Ensinar o “mundo comum” a partir de um critério de relevância pessoal ou de domínio de determinada área de conhecimento pode se tornar um grande problema, visto que há a tendência de se deixar de lado conteúdos que supostamente têm menor valor ou relevância para o tipo de formação almejada pelo pai ou pela criança.

Aqui também pode se encaixar a discussão sobre o protagonismo do aluno, desta vez no contexto do *homeschooling*. A preferência do aluno pelo estudo de determinada área do saber em detrimento de outras acaba conduzindo a uma tomada prematura de decisão com relação ao que vai aprender, como se tivesse condições suficientes para fazer esta escolha

⁶ Tipo de educação doméstica, de responsabilidade da família ou dos responsáveis, em que um ou mais membros são encarregados de lecionar. Entretanto, também é considerada *homeschooling* a contratação de um professor particular que frequenta a casa do aluno para ministrar aulas naquele local (SILVA, 2020).



sozinho (COSSETIN; SCHÜLTZ, 2018), possivelmente “podando”⁷ seu processo formativo e limitando sua construção de conhecimento a um saber especializado, fragmentado e desconexo. Nesse sentido, há uma grande diferença entre a *homeschooling* e a educação na/da escola.

As instituições de ensino estão constituídas por formas específicas de organização, as quais foram desenvolvidas e aprimoradas com o passar do tempo, incorporando a tradição histórica e as diferentes esferas do conhecimento, de modo a oferecer uma formação ampla a qual deve disponibilizar o acesso a cada uma dessas esferas, contextualizando, minimamente, os estudantes no mundo. Nesta perspectiva, nenhum conteúdo ou nenhuma ciência deveria ser simplesmente descartada, mas contextualizada, atualizada, repensada e inserida conforme a sua relevância no momento histórico em que se vive.

DILEMA CONTEMPORÂNEO: CONTEÚDOS FORMATIVOS *VERSUS* MERCADO

Um dos cuidados mais importantes no momento de seleção de conteúdos é justamente em relação à sua relevância e aos fins ou objetivos da própria educação. Partindo desta problemática, são pertinentes alguns questionamentos, como: os estudantes estão sendo formados para o atender alguma demanda de mercado? Estão seguindo o caminho profissional que realmente lhes interessa? Optaram por determinado tipo de formação por uma necessidade financeira ou por uma decisão de seus familiares? A instituição na qual estudam tem este intuito de colocá-los numa situação de vantagem preparando-os para algum curso ou concurso, pensando na concorrência?

Segundo Flickinger (2010, p.43) o sistema educacional contemporâneo se encontra à mercê do mercado financeiro e, por conseguinte, dos ditames do sistema capitalista, o qual exerce grande pressão sobre a classe trabalhadora, forçando-a a uma atualização constante em prol de uma força de trabalho cada vez mais qualificada. Nesta lógica, além de o trabalho não se encontrar mais orientado pelas reais necessidades humanas, o processo formativo é orientado por “diretrizes de racionalidade econômica que servem também de critério para a avaliação de resultados”.

⁷ Grifo da autora.



Pensar a educação nessa perspectiva instrumental continua sendo um entendimento reducionista e, por mais que corresponda às demandas mercadológicas e que possa proporcionar grande sucesso financeiro no futuro, corre o risco de resultar em uma formação incompleta. Um dos riscos que se corre é de se deixar de lado ou não dar devida atenção à formação ética dos estudantes. A educação e a escola, além de se ocuparem da produção intelectual, cultura, cívica e física, são encarregadas de uma formação ética (MARTINAZZO, 2016). Cabe, neste momento, discorrer um pouco a respeito do conceito de ética.

A palavra ética deriva do grego *éthikē*, e se trata de um campo de estudo da filosofia que investiga o comportamento e a conduta humana em uma sociedade e época (CUNHA, 2010). Posto isso, pode-se dizer que a ética, ou a filosofia moral (CHAUÍ, 2010), está relacionada a um “saber viver humano”, visto que engloba o comportamento do homem em sociedade em prol de um bem-estar social. Trata-se, portanto, de uma “disposição/posicionamento” em relação ao mundo, e assume um caráter crítico, uma vez que conduz a uma revisão de conceitos que foram construídos cultural e socialmente no momento em que os valores que condicionam o comportamento passam a ser objeto do pensamento (COSSETIN, 2020). Arelada à ética está a moral (bem como a consciência moral e o senso moral) e, em suma, enquanto a ética assume um caráter mais abrangente, de princípio orientador, ou de “filosofia da moral”, a moral diz respeito à conduta, com uma característica mais temporal, tratando-se de normas adquiridas culturalmente pelas tradições que regulam o comportamento em sociedade, como costumes (CHAUÍ, 2012).

Se educar equivale a humanizar, então a educação deve contemplar as diversas dimensões do humano, especialmente uma formação ética e moral a qual possibilite o desenvolvimento de valores e de um saber-viver em sociedade. Pensar a educação pelo viés mercadológico enfatiza a condição de consumidor do estudante e de produto da educação, bem como pode perpetuar um “estado de cegueira”, ou uma “cegueira moral”, como diziam Bauman e Donkis (2014), em que ocorre a perda da sensibilidade nas relações sociais, as quais passam por um processo de racionalização. Esta cegueira pode levar à naturalização de diversos tipos de violência, à incompreensão dos problemas do mundo, à anulação do



outro/individualismo, ao esquecimento da história e da cultura (adiaforização⁸), à produção de identidades privatizadas e à exacerbação do consumo como meio de satisfação pessoal.

Bauman e Donskis (2014), seguindo a mesma perspectiva de Flickinger (2010), chamam de “Universidade do Consumo” este modelo de universidades em que os estudantes recebem uma formação voltada fundamentalmente às demandas do mercado de trabalho. Nelas, é priorizada uma preparação em curto prazo e o cumprimento de metas classificatórias. Segundo Donskis (2014, p. 165),

Em essência, uma universidade, que em teoria deve seguir uma lógica (fielmente seguida durante séculos) de pensamento deliberado, criatividade paciente e existência equilibrada, é agora forçada a se tornar uma organização capaz de reagir depressa às flutuações do mercado, assim como às mudanças da opinião pública e do ambiente político. Esse é o preço que pagamos pela educação superior das massas numa democracia e numa sociedade de massas.

Bauman e Donskis seguem sua análise dialógica sobre as universidades observando seu caráter flexível e fluido adaptado ao contexto contemporâneo. Neste diálogo, Bauman (2014, p. 143) pontua a questão da “preparação para a vida” como uma das dificuldades das universidades, vista a condição caótica em que se vive:

Hoje se espera que preparemos os jovens para a vida num mundo que (na prática, mesmo que não na teoria) torna nula e vazia a própria ideia de “ser preparado” (ou seja, treinado e habilitado da forma adequada, capaz de não ser pego de surpresa por eventos e tendências cambiantes. As primeiras universidades foram fundadas no tempo em que se ergueram as catedrais góticas e destinavam-se a durar, quando não eternamente, pelo menos até o Juízo Final. Algumas dezenas de gerações depois, porém, espera-se que sua descendência realize a missão de “preparação para a vida”, numa época em que a maioria dos arquitetos não aceitaria uma licença de construção, a menos que a ela viesse anexada uma licença de demolição dentro de vinte anos ou menos.

Além desta preocupação com o futuro da educação institucionalizada e com o apelo mercadológico que assombra as universidades, *linkada* com a instabilidade em que se encontra a profissão do docente, está o uso exacerbado das tecnologias de inteligência artificial. São inegáveis os benefícios que as tecnologias trouxeram para a educação, especialmente em tempos de pandemia de Covid-19, quando as atividades educacionais dependem globalmente destes recursos.

⁸ Do grego *Adiaphoron*, traduzido para português como adiafóra, que significa um assunto indiferente. Na filosofia, adiafóra se trata de um assunto moralmente neutro (ADIAPHORON..., 2020). Já adiaforização, para Donskis (2014), é o processo de tornar desimportante. Para Bauman (2014), equivale a indiferente, nem bom, nem mau.



Ocorre que o distanciamento presencial direcionou ainda mais a população ao uso de meios virtuais de comunicação e favoreceu a adesão às redes sociais. As plataformas de ensino e as salas de aulas online possibilitaram a manutenção das aulas em muitas universidades e escolas, o ensino a distância aumentou significativamente sua oferta de cursos, e as videoconferências, que outrora se davam em níveis nacionais e internacionais, passaram a ser regionais e locais, podendo integrar uma grande diversidade de pessoas.

Em contrapartida, mesmo com toda essa “aproximação virtual”, integração e grupos de discussão, as redes sociais e suas tecnologias de IA têm um “lado negro”, caracterizado especialmente pelo seu potencial de adição, de afastamento familiar, de criação de “bolhas virtuais” e de evasão em aulas remotas. Nesse sentido, os professores se encontram em constante competição com essas redes, visto que precisam chamar atenção dos alunos de algum modo muito criativo para que não os percam para alguma forma de “entretenimento mais interessante”⁹ ou para a opinião, muitas vezes sem fundamentação científica alguma, de algum influenciador digital.

As aplicações da IA em seus algoritmos e processamento de dados podem ter impacto significativo na autonomia pessoal e na personalidade das pessoas. Deste modo, suas tecnologias podem manipular a subjetividade das relações humanas, automatizando as decisões tomadas em situações que supostamente demandariam reflexões profundas e inteligentes, efetivamente tornando-as artificiais (DONEDA et al., 2018).

Deste modo, uma cascata de informações preenche a tela em sequência, num fluxo infinito, orientando as pessoas, a partir de suas próprias preferências, exatamente o que devem consumir, onde devem ir, como devem se comportar, quem devem seguir e como obterão sucesso naquilo que se propõe. Uma importante crítica a esse comportamento “tecnomaniaco” é feita no docudrama¹⁰ “O dilema das redes”, disponível na *Netflix*. Na produção, executivos das principais redes sociais, como ex-membros do Facebook, do Twitter e do Instagram, os quais ajudaram a criar essas ferramentas, comentam sobre o seu potencial de adição e sobre os malefícios que elas podem trazer para a vida das pessoas, especialmente para os mais jovens, bem como sobre o pano de fundo mercadológico por trás das redes.

⁹ Grifos da autora.

¹⁰ O dilema das redes não é apenas um documentário, como um compilado de depoimentos que fornecem informações sobre determinada situação, mas sim, um docudrama, estilo que amalgama cenas dramatizadas com depoimentos, e que serve para ilustrar com mais impacto o que está sendo dito, utilizando-se de uma linguagem acessível.



Neste atual contexto, o docente se encontra confrontado a aprender a lidar com o avanço tecnológico, demandando atualização constante, assim como com as diferentes gerações para as quais ensina. Uma criança que cresce em meio às redes sociais e que tem acesso livre às tecnologias desde muito pequena pode desenvolver um ponto de vista muito condicionado por esses meios, pelas opiniões dos gurus aos quais assiste e pelo padrão de vida consumista implícito neles. Essa criança certamente deverá ser educada de modo diferente daquela que não se desenvolveu nesse meio, bem como do adulto que se inseriu aos poucos, com outro tipo de formação antecedente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formam-se, a partir das reflexões deste texto, algumas questões perturbadoras: existe uma saída para a crise educacional atual? Como é possível competir com os gurus das redes sociais e mostrar às crianças e jovens o real valor da educação? E o que dizer para aqueles adultos que são facilmente influenciáveis pela magia das tecnologias e que estão desacreditados na educação formal? Qual é o papel dos pais no controle ao acesso indiscriminado dos filhos às tecnologias de inteligência artificial? Até quando esta educação voltada para o mercado de consumo imperará? E os professores, serão mesmo substituídos por máquinas?

Como o objetivo aqui não é fornecer respostas, mas pensar a crise e esboçar alternativas para enfrentá-la, o que se pode dizer, numa perspectiva contemporânea, é – não há como se saber ao certo a resposta para tais perguntas, mas a mudança é sempre iminente e o desespero não resolve os problemas. Adaptação provavelmente é uma boa maneira de se lidar com isso tudo, mas não uma adaptação passiva, ou uma simples aceitação, e sim, a adoção de um pensar/olhar crítico em relação às situações.

A escola e os docentes precisam mudar, precisam se reinventar e se reformar, mas também precisam os pais, as famílias, os estudantes, os governantes, as sociedades como um todo. A real função humanizadora da educação deve estar clara para todos e deve ser retomada. Essas mudanças, uma vez que ultrapassarem as fronteiras geográficas e que forem adotadas em escala global, que saírem do papel e que se transformarem em práticas, poderão efetivamente fazer a diferença.



REFERÊNCIAS

AÇACALADOR. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/aca%C3%A7alador>>. Acesso em 09.11.2020.

ADIAPHORON. In: Your Dictionary. 2020. Disponível em: <<https://www.yourdictionary.com/adiaphoron>>. Acesso em 29.11.2020.

AYTO, J. Word Origins. **2ª ed. Londres: A&C Black, 2005.**

AZEVEDO, F. F. S. **Dicionário analógico da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexon, 2016.

BAUMAN, Z. & DONSKIS, L. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BOUFLEUER, J. P. **Docência Na Educação Superior**. Apostila da disciplina. Ijuí, 2020.

BOUFLEUER, J. P.; FENSTERSEIFER, P. E. Disciplina intelectual: algumas reflexões a propósito da homenagem a um intelectual. In: BOMBASSARO, L. C.; DALBOSCO, C. A.; KUIAVA, E. A. **Pensar sensível: homenagem a Jayme Paviani**. Caxias do Sul: Educs, 2011.

COSSETIN, V. L. F.; SCHÜTZ, J. A. Protagonismo ou orfandade: notas sobre o “novo” ensino médio brasileiro. In: FUCHS, C.; SCHWENGBER, I. L.; SCHÜTZ, J. A. (org.) **Educação em debate: cercanias da pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2018, p. 24-32.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 14ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.

_____. **Iniciação à Filosofia**. Ática: São Paulo, 2012.

COSSETIN, V. L. F. Moral, ética e deontologia. In: **Ética e formação: Pós-graduação em Educação nas Ciências (Apostila PPGE/Unijui)**. Ijuí. 2020.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DONEDA, Danilo; MENDES, Laura; SOUZA, Carlos; ANDRADE, Norberto. Considerações iniciais sobre inteligência artificial, ética e autonomia pessoal. **Pensar – Revista de Ciências Jurídicas**. Fortaleza, v. 23, n. 4, p. 1-17, out./dez. 2018.

FLICKINGER, H. A dinâmica do conceito de formação (Bildung) na atualidade. In: **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas: Autor 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

JAEGER, W. W. O lugar dos gregos na história da educação. In: **Paideia: A formação do homem grego**. 6ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.



MARTINAZZO, C. J. **Modernidade, subjetividade e educação**. Santa Rosa: Unijuí, 2017.

_____. A construção de conhecimentos pertinentes na educação escolar com base no paradigma da complexidade. In: **A educação escolar em um mundo complexo e multicultural**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

MARQUES, M. O. Os paradigmas da educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: MEC-INEP, v. 73, n. 175, p. 547-565, set./dez. 1992.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: Repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

NUCLEAR BLAST RECORDS. **SONATA ARCTICA - I have a Right (OFFICIAL MUSIC VIDEO)**. 2012. 3m52s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sue_ufnvqcs>. Acesso em 22.11.2020

O DILEMA DAS REDES. **Netflix**, 2020. Documentário disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em 02 de outubro de 2020.

PRÁXIS. In **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2008-2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/Praxis>>. Acesso em 21.11.2020.

SILVA, M. M. da. Homeschooling: a educação domiciliar em tempos de pandemia. **Desafios da Educação**. 30 de abril de 2020. Ensino Básico. Disponível em: <[STRECK, D. R. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 185-198, jan/abr 2012.](https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/educacao-domiciliar-pandemia/#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20domiciliar%20ou%20homeschooling,seja%20ela%20p%C3%BAblica%20ou%20particular.>></p></div><div data-bbox=)